

Aprendendo a conviver com os tubarões: relações entre humanos e não humanos em Recife e no Arquipélago de Fernando de Noronha (BRA).¹

Learning to live with sharks: humans and non-humans relations in Recife and Fernando de Noronha Archipelago (BRA)

Ana Cláudia Rodrigues da Silva*¹
Rayana Mendonça do Nascimento¹**

Palavras-chave:

Tubarões;
Incidentes;
Relação;
Agência.

Resumo: As relações entre humanos e tubarões em Pernambuco intensificaram-se a partir da década de 1990, com o aumento de incidentes (ataques) nas praias urbanas de Recife e Região Metropolitana. A partir de então, os encontros multiespécies se multiplicaram atingindo o Arquipélago de Fernando de Noronha, uma das maiores reservas marinhas do Brasil, com o primeiro caso registrado oficialmente em 2015. Tais eventos impactaram a sociedade e realçaram as visões distintas sobre a presença de animais selvagens que ora é evitada, como no caso do Recife, a partir de medidas como a proibição do uso das praias para esportes náuticos como o surf, ora estimulada como em Fernando de Noronha, com o incentivo a visitas à “Ilha dos Tubarões”. Várias hipóteses são apontadas para o aumento dos incidentes, como as modificações ambientais, entretanto, a excessiva presença de humanos nas praias, quer para banhos quer para prática de esportes, aparece como uma das principais causas desses incidentes. Abordagens sobre o convívio interespecífico na antropologia vêm mostrando como o contato entre humanos e animais desencadeiam relações complexas entre agências animal e humana, políticas de natureza e transformações socioeconômicas e culturais decorrentes desse contato.

¹ Recebido em 26/02/2019. Aceito em 06/05/2019

*¹ Professora do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: acrodrigues@gmail.com.

**¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: rayanapreta@gmail.com

Keywords:
Sharks;
Incidents;
Relationship;
Agency.

Abstract: *The relationship between humans and sharks in Pernambuco intensified since the 1990s, with the increase of incidents (attacks) on the urban beaches of Recife and Metropolitan Region. Since then, multispecies encounters have multiplied reaching the Fernando de Noronha Archipelago, one of the largest marine reserves in Brazil, with the first case officially registered in 2015. These events impacted society and highlighted different views on the presence of wild animals that on the one hand is avoided, as in the case of Recife, from measures such as the prohibition of the use of beaches for water sports such as surfing, and on the other hand is stimulated as in Fernando de Noronha, with the incentive to visit the "Island of Sharks". Several hypotheses are raised for the increase of these incidents, such as environmental modifications, however, the excessive presence of humans on the beaches, whether for bathing or practicing sports, appears as one of the main causes of these incidents. Approaches to interspecific social interaction in Anthropology have shown how the contact between humans and animals triggers complex relationships between animal and human agencies, nature policies, and socioeconomic and cultural transformations resulting from this contact.*

Introdução

Quem caminha pelas orlas das praias urbanas de Pernambuco se depara com várias placas avisando que aquelas áreas são sujeitas a ataques de tubarões, as placas já viraram ponto turístico. Pernambuco, nos últimos vinte cinco anos, se tornou famoso pelos diversos incidentes com tubarões e por uma geração de pessoas que ressignificaram sua relação com o mar a partir da presença dos tubarões em águas rasas.

O contato com tubarões no mar é algo possível, uma vez que o mar é o habitat desses animais. Em Recife e Região Metropolitana, as características geográficas do relevo marinho possibilitam a aproximação do animal em busca de alimentos nas áreas de arrecifes. Encontramos notícias de jornais do século XIX relatando ataques de tubarões e na década de 40 do século XX, ocorreu o famoso caso do padre carmelita vítima de um ataque de tubarão em frente à Igreja de Nossa Senhora de Piedade. Corpos de pessoas afogadas apareciam nas praias com indicações de mordidas de animais marinhos de grande porte. Porém, foi a partir de 1992, com o aumento da frequência de casos, que se iniciou a contagem oficial de incidentes e vítimas pelo estado.

Pressões internacionais, nacionais e locais obrigaram o estado a realizar ações de mitigações dos ataques. As primeiras placas são instaladas e a partir disso, iniciaram-se campanhas de educação e conscientização da população, sendo a prática do surfe proibida nessas áreas de risco conforme o decreto sancionado em 1999. Além do surf, o decreto proíbe o bodyboarding e

atividades náuticas similares. Já em 2014, um novo decreto publicado no Diário Oficial da União, aumentou as restrições. Atualmente, estão impedidas as práticas de esportes aquáticos de mergulho, natação e atividades náuticas ou aquáticas similares nas áreas de risco, quem desobedecer aos salva-vidas ou sinalizações estão sujeitos a multas. Porém, na prática, não há uma fiscalização efetiva, e com exceção do surf os demais esportes continuam sendo desempenhados nas praias sinalizadas.

De acordo com o Comitê Estadual de Monitoramento de Incidentes com Tubarão (CEMIT- PE), instituído através do decreto estadual nº 26.729 em 2004, em pouco mais de duas décadas foram registrados sessenta e cinco ataques em todo o estado, oficialmente, onde vinte e cinco vítimas faleceram. Pernambuco ocupa a primeira posição a nível mundial de óbitos decorrentes de ataques de tubarão, cálculo que pode ser maior devido ao número de subnotificações.

Algumas explicações para esse fenômeno estão relacionadas as questões ambientais, poluição de rios, desequilíbrio ambiental advindo do processo de urbanização das praias e principalmente a implementação do Complexo Portuário de Suape, tanto pelos impactos ambientais causados com o aterramento de manguezais utilizados para reprodução dos tubarões, como pelo fluxo dos navios que atrai determinadas espécies, como, por exemplo, os tubarões tigre (*Galeocerdo cuvier*).

As praias onde ocorreram incidentes são mundialmente conhecidas por suas belezas naturais, como a praia de Boa Viagem, e atrai muitos turistas brasileiros e estrangeiros.

Desses ataques, três foram registrados no Arquipélago de Fernando de Noronha, sendo o primeiro ataque na ilha reportado em 2015. O Arquipélago de Fernando de Noronha é formado por vinte e uma ilhas, mas apenas uma delas é habitada e tem o mesmo nome do arquipélago. As demais vinte ilhas só podem ser visitadas com autorização do IBAMA. A Ilha de Fernando de Noronha durante 201 anos abrigou um presídio. Apenas em 1897, Pernambuco tomou posse da Ilha e o presídio passou a ser estadual. Em 1938, os presos foram transferidos para o Recife, ficando na Ilha apenas os presos políticos. No ano de 1942, se transformou em um território federal, sendo administrada pelas forças armadas. Em 1988, o Arquipélago se tornou um Parque Nacional Marinho e voltou a fazer parte do estado de Pernambuco, recebendo o título de Patrimônio Natural da Humanidade em 2001.

Sendo um dos principais pontos turísticos do Brasil, a Ilha de Fernando de Noronha vem recebendo cada vez mais visitantes, ano após ano. No ano de 2017, recebeu 94.151 turistas de acordo com a Administração de Fernando de Noronha, perdendo em números de turistas a nível nacional apenas para o

estado de São Paulo. Conhecida por sua água transparente em tom de esmeralda e paisagens belíssimas, a Ilha também se tornou um refúgio para o turismo de pessoas famosas que a visitam constantemente e, por conta disso, suas belas praias estão estampadas em manchetes de todo o país. Essa demanda no turismo da Ilha permitiu que o Governo do Estado de Pernambuco investisse em voos diretos para a ilha, facilitando o acesso dos turistas.

Até o ano de 2015, não havia casos oficialmente registrados de ataques de tubarões a humanos em Fernando de Noronha. Especialistas acreditam que esse crescimento no número de turistas e surfistas que visitam a Ilha é tido como o principal fator para o índice de aumento de incidentes com os tubarões. A partir desses casos, a relação entre os tubarões e moradores (que se autodenominam nativos), turistas e surfistas foram ressignificadas.

Este artigo apresenta dados da pesquisa etnográfica realizada em Recife e Região Metropolitana, através do projeto "Relações Interespecíficas: o caso dos tubarões em Pernambuco"², desenvolvido no Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE e de uma pesquisa de mestrado em Antropologia da UFPE³ e se propõe a pensar sobre as agências multiespécies em contatos (tubarões, moradores, turistas e surfistas) em dois contextos diferentes, um urbano e o outro uma reserva ecológica. Foram feitas observações nas praias, levantamento documental, entrevistas com moradores e frequentadores das praias, pesquisadores, agentes públicos e surfistas.

Partimos da ideia de que os organismos se situam e se formam dentro de emaranhados históricos (DOOREN at al., 2016) e atuam de forma relacional no mundo. Portanto, acionar a chave da relação entre humanos e tubarões em Pernambuco é emaranhar-se por dimensões ecológicas, políticas e culturais típicas de processos de ser e tornar-se no mundo sempre em contato com outros (STENGERS, 2011). As etnografias multiespécies, mesmo com suas controvérsias, tem permitido ampliar as dimensões relacionais entre humanos e não humanos pouco ressaltadas nas etnografias antropocêntricas (KINKSEI; HELMREICH, 2010; HARAWAY, 1991; TSING, 2015), a partir de questionamentos hoje aceitos e amplamente divulgados na antropologia contemporânea em torno da relação natureza e cultura e seus deslocamentos (VIVEIROS DE CASTRO, 2002; DESCOLA, 1998, 2001; STRATHERN, 2012). Ao observarmos as produções sobre humanos e animais no Brasil percebe-se que em parte tratam de convívios de animais e humanos em contextos indígenas (VIVEIROS DE CASTRO, 2002; VANDER VELDEN, 2012). Em contextos urbanos,

²Fazem parte do projeto professores e alunos de pós-graduação e graduação. A pesquisa ainda encontra-se em andamento, portanto os dados apresentados são preliminares.

³ Pesquisa em andamento, ainda sem título.

essa relação é ressaltada a partir de animais domesticados, pets e ou vidas em zoológicos e parques (SEGATA, 2012; OSÓRIO, 2016, SILVEIRA; SILVA, 2015).

No que se refere a animais selvagens a etnologia indígena brasileira apresenta inúmeras possibilidades de análises dessa relação, mas quando se trata de animais selvagens em contextos urbanos não temos a mesma proporção, em parte pela pouca existência desse contato. No caso de animais marinhos, etnografias no campo da antropologia da pesca têm abordado a temática tanto de uma perspectiva econômica e das técnicas, mas também da agência dos animais marinhos e suas relações com pescadores (SAUTCHUK, 2007). Os casos dos tubarões nas praias urbanas de Recife e Fernando de Noronha permitem sair da linha em que o selvagem está restrito a ambientes como florestas, parques, matas para ocupar ambiente de praias urbanas de uma grande cidade e uma ilha altamente movimentada. Podendo apresentar elementos e dinâmicas importantes na compreensão dessas relações e principalmente para se pensar formas de conviver com os tubarões.

Este artigo centra-se em duas partes principais, uma abordando os contatos multiespécies em Recife e Fernando de Noronha apresentando como ocorrem e suas consequências e outra que propõe repensar as relações interespecíficas a partir das agências dos tubarões e dos humanos.

Dos contatos e encontros multiespécies

Recife

As movimentadas praias de Recife e Região Metropolitana são palcos de encontros (ataques⁴) entre humanos e tubarões com desfechos indesejados para os humanos e os tubarões, os maus encontros (SÜSSEKIND, 2010) que culminaram em vinte e sete óbitos⁵ e mutilações de pessoas que utilizavam o mar para banho e prática de surfe. Os tubarões, segundo estudos especializados (HAZIN et al., 2017) sofreram efeitos de modificações ambientais graves pela ação antrópica, e diante do contato sistemático com humanos em águas rasas, foram capturados durante longo período por projeto científico-político, PROTUBA, e levados a lugares distantes quando sobreviviam as capturas.

A categoria "encontro", bastante utilizada na literatura das relações multiespécies, refere-se ao contato entre humanos e animais. Neste trabalho,

⁴ Ataque tem sido a categoria utilizada nas placas pelo estado, mas também a categoria local utilizada por grande parte da população. Ainda, em meios acadêmicos e em movimentos ambientalistas, utiliza-se a categoria incidentes. Neste trabalho, iremos utilizar ataque sempre que for fruto dos relatos das pessoas e das autoridades do governo. Nós optamos por incidentes e encontros.

⁵ Dados atualizados pelo CEMIT em 05.06.2018.

está sendo utilizada como forma de pensar os momentos em que humanos e tubarões se aproximam via contato desejado ou não. Esse encontro pode se transformar em um mau encontro para os humanos, tantos os que estavam envolvidos diretamente no contato, as vítimas, quanto para rede de relações pessoais delas, como para população usuária das praias, banhistas e trabalhadores como barraqueiros e ambulantes. Mesmo sabendo que as áreas litorâneas que compreendem a cidade do Recife e Região Metropolitana são sujeitas a "ataques", as pessoas não frequentam esses espaços pensando objetivamente em encontrar tubarões, a gestão do risco é vivida de forma diferente pela diversidade de pessoas que frequentam esses espaços, como observa Nascimento (2018) ao identificar que apenas dois casos ocorreram com mulheres: " (...) incluindo o Arquipélago, cinquenta e nove vítimas são do gênero masculino, duas são do gênero feminino e quatro têm seu gênero desconhecido." (p. 28). Além disso, a maioria das pessoas que sofreram um incidente com um tubarão, possuía uma faixa etária entre 14 e 25 anos.

Encontros, sejam eles bons ou ruins, escapam das armadilhas postas pela categoria ataque, onde pressupõe-se que o animal, que está em um ambiente compartilhado com outras espécies inclusive a humana, ataca intencionalmente as pessoas, sendo os algozes e os humanos as vítimas. A pergunta "Quem é vítima de quem?" se desdobra numa teia de significações, atitudes e posturas diante dos animais ou de forma mais ampla do meio ambiente marinho. Sem querer adentrar na discussão moral de buscar culpados, a categoria encontro permite, minimamente refletir sobre os eventos resultantes dos contatos, de forma menos taxativa e buscando compreender as agências dos atores em cena. Permite também discutir a partir de noções ecologicamente, socialmente e culturalmente construídas de risco, perigo e culpa. Amplia inclusive possibilidades de reflexão em torno de questões sociais como quem são as pessoas "vítimas" dos incidentes? Estão elas expostas ao risco da mesma forma independente de classe, gênero, geração? Como garantir o uso compartilhado das praias por humanos e seres marinhos, como os tubarões?

A frequência dos ataques forçou ações mitigatórias com dimensões diferentes para pessoas-pessoas, animais-animais e pessoas-animais. Com grandes proporções midiáticas, os incidentes fomentaram ainda uma relação direta entre ciência e estado. Uma das principais ações desenvolvidas foi um acordo entre o estado de Pernambuco e a Universidade Federal Rural de Pernambuco, para realização de pesquisas que oferecessem um diagnóstico do fenômeno para subsidiar ações mitigatórias. O projeto PROTUBA atuou por mais de 10 anos com realização de pesquisas voltadas especialmente para identificação das espécies presentes no litoral pernambucano e seu comportamento. As pesquisas possibilitaram um contato maior entre

pesquisadores e tubarões através das capturas e marcações e subsidiaram as informações expostas nas placas.

Com a continuidade dos casos, medidas para evitar o contato foram implementadas como a proibição do surfe em todas as praias de Recife e em grande parte da Região Metropolitana. Essa atitude provocou conflitos uma vez que os praticantes do esporte foram impactados negativamente. Apesar das vítimas serem surfistas que estavam no mar, muitos não estavam de acordo com a proibição. Para eles, era mais sensato realizar medidas como intensificar a pesca seletiva de tubarões e a colocação de telas nos locais onde ocorriam os incidentes ao invés de proibir a prática. Assim, muitos surfistas ou pararam de surfar depois da criminalização ou migraram para praias onde a prática era permitida. Era comum ver surfistas burlando a lei e também sendo punidos com a apreensão e queima de pranchas. Os famosos campeonatos na praia de Boa Viagem foram interrompidos e grupos se organizaram em protesto aos ataques para garantir o uso seguro da praia para banhos e esportes.

A proibição da prática afetou diretamente os surfistas que não tinham/tem condições econômicas de se deslocar para praticar o surfe em um lugar seguro como nas praias de Maracaípe e Cupe⁶, muitos se arriscam em áreas um pouco mais afastadas, mas considerada como de risco e sinalizadas por placas como as praias do Paiva e Itapuama. Cabe destacar que antes da década de 1990, surfistas relatam que era comum ver tubarões no mar, principalmente próximo ao estuário do rio Jaboatão, entretanto, eles não se aproximavam (atacavam) dos surfistas. Relatos de moradores antigos das praias de Jaboatão contam sobre a presença constante de tubarões após a barreira de arrecifes. E, principalmente pescadores, narram histórias de encontros com o animal no litoral pernambucano.

O turismo nas praias da grande Recife também foi afetado com a frequência dos incidentes. Os turistas foram direcionados para as praias do Litoral Sul como Porto de Galinhas e Carneiros, áreas supostamente mais seguras e sem registro oficial de incidentes. Os visitantes quando frequentam as praias, evitam entrar no mar ou se contentam com fotos nas placas, afinal o mau encontro tem deixado vítimas fatais. Os dois últimos incidentes ocorreram em 2018 na famosa praia de Piedade já conhecida pelo alto número de ataques, carregando o estigma de "praia maldita". Os casos ocorreram após três anos sem incidentes e foram amplamente documentados pelas mídias e grupos de WhatsApp. Com pouco mais de um mês entre os casos, levantou-se novamente o debate sobre as maneiras de evitar os incidentes, como a colocação de telas, ação mais intensiva dos guarda-vidas e colocação de bandeiras de sinalização nos locais propícios ao encontro entre humanos e tubarões. Os moradores da

⁶ Praias localizadas no litoral sul de Pernambuco.

grande Recife, em parte, têm evitado entrar no mar em condições favoráveis aos incidentes, porém, isso depende de múltiplos fatores.

Fernando de Noronha

O convívio entre os moradores de Fernando de Noronha e os animais marinhos sempre fez parte do cotidiano local, já que os animais podem ser observados em vários pontos da ilha e muitas espécies chegam bem próximas às praias, por exemplo, os tubarões das espécies lixa (*Ginglymostoma cirratum*) e limão (*Negaprion brevirostris*). Essas espécies são as mais comuns da Ilha e encontram tranquilidade para iniciar o seu ciclo reprodutivo nas áreas costeiras. Em 2015, ocorreu o primeiro ataque registrado com tubarões no Arquipélago de Fernando de Noronha, único Patrimônio Marinho do Brasil, segundo a UNESCO, que faz parte de Pernambuco, estado com o maior número de ataques de tubarões registrados no Brasil. No ataque que ocorreu na Baía do Sueste, o turista estava realizando um mergulho quando foi mordido pelo animal, nesse caso um tubarão tigre (*Galeocerdo cuvier*), perdendo a mão e parte do antebraço direito. Um ano depois, em 2016, outro turista foi atacado por um tubarão na Praia do Leão, obtendo um ferimento superficial na panturrilha esquerda.

No ano de 2017, uma turista retirou um filhote de tubarão limão do mar para fazer fotos e vídeos com o animal, ela levou uma mordida na mão, mas esse caso não faz parte das estatísticas de incidentes do CEMIT, já que a turista cometeu um crime ambiental retirando o animal do seu habitat. No início de 2018, um surfista de vinte anos que visitava o Arquipélago, caiu em cima de um tubarão limão (*Negaprion brevirostris*) ao se desequilibrar da prancha e levou quinze pontos no braço.

Em relação aos casos ocorridos em Fernando de Noronha, os mesmos são observados e analisados de perto pelo Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio) e pelos pesquisadores e curadores do Museu dos Tubarões localizado na Ilha. O Museu dos Tubarões tem como objetivo preservar o animal, a partir de informações sobre as espécies de tubarões (não só as que vivem em Fernando de Noronha) e de desmistificar a ideia de que o tubarão é um animal terrível, uma questão importante para a compreensão das relações entre o humano e o animal selvagem. O acervo do Museu foi construído a partir de uma prospecção pesqueira por cerca de cinco anos, para identificar as espécies que vivem na Ilha. Estão expostas de arcadas dentárias das espécies de tubarões comuns no Arquipélago até joias elaboradas com dentes menores e esculturas estilizadas. Ele também possui uma loja com objetos que remetem aos tubarões e um restaurante.

As diversas formas de relações interespecíficas entre o animal selvagem, o tubarão, e o humano no contexto de Fernando de Noronha, sugerem algumas perguntas: Até onde essa relação entre os moradores e os tubarões é natural e pacífica? Já que todos os incidentes registrados entre tubarões e humanos na Ilha de Fernando de Noronha foram com turistas, como se dá essa relação? Em busca de responder essas perguntas foram realizadas entrevistas com os moradores, surfistas e turistas em Fernando de Noronha.

Repensando relações

Repensar as relações interespecíficas entre humanos e animais nos trabalhos antropológicos, trouxe a luz um debate necessário sobre a desconstrução da dicotomia ocidental estabelecida entre natureza e cultura, natureza e sociedade na prática etnográfica (INGOLD, 1994 [1987], 1995; LATOUR, 1994; HARAWAY, 1991; STRATHERN, 2012; DESCOLA & PALSSON, 2001). Esta relação entre natureza e cultura torna-se uma chave importante para os dois contextos aqui trabalhados.

O pensamento ocidental reforçou o distanciamento entre as dimensões da natureza e da cultura/sociedade. Lévi-Strauss (1982) dedicou um capítulo da sua obra "Formas Elementares do Parentesco" para explicar a dicotomia entre o estado de natureza e o estado de cultura. Ao analisar os macacos, ele afirma que os mesmos não podem se tornar humanos, pois entre eles não há a proibição do incesto que para o autor é o que marca a passagem do estado de natureza para o estado de cultura. Somente os humanos podem agir de acordo com as normas. Nessa perspectiva, o animal (não humano) participa da relação interespecífica com o humano a partir de uma simbologia. A representação do animal nessa relação surge da visão antropocêntrica do humano onde cada animal será descrito a partir da visão sociocultural que o humano tem sobre ele, isso faz do humano um "observador privilegiado de um universo não humano" (LEACH, 1982, p. 87). Assim, para os casos em questão, categorias como bom, mau, perigoso, inteligente são utilizadas para se referir aos tubarões, no entanto, isso não significa aproximação real entre as espécies. No caso dos tubarões em Recife a linha divisória parece ser mais rígida, reforçando as diferenças e as vezes colocando como impossível a convivência. É no limite do mau encontro, desvantajoso para os humanos, que a linha divisória se torna mais longa. Apesar do reconhecimento por alguns cidadãos de que o tubarão está em seu lugar, o humano é que invade sua casa, fica evidente nos discursos de nossos interlocutores (frequentadores das praias, moradores, trabalhadores, esportistas) que somos nós, seres racionais, que devemos nos afastar do mar, ou saber quando e como usufruir desse ambiente. O tubarão permanecendo na natureza e os humanos na sociedade.

O tubarão está lá na dele, o homem é que invade seu espaço. Ele não tem culpa, é um animal, as pessoas sabem que não devem entrar na água, mas mesmo assim entram, preferem correr o risco. (morador do Recife, 2018).

Faça de tudo para não encontrar um tubarão no mar. Meu filho é sufista e eu sempre falo: cara com o tubarão não tem volta, você não é nada diante daquele animal forte. Não tem segunda chance. Por isso evite, não vá. Eu conheci pessoas que arriscaram e se deram mal (surfista, Recife, 2018).

Em Fernando de Noronha onde os encontros são corriqueiros, após os incidentes, as pessoas passaram a ter mais cautela em relação ao animal selvagem:

Apesar da realidade daqui (Noronha) ser diferente da de Recife, temos que ter cuidado, né? Quando eu vejo que tem muito tubarão na água eu evito ir [...] espero um pouco ou deixo pra cair na água no outro dia [...] o mar pertence a eles (surfista, Fernando de Noronha, 2018).

Para um maior entendimento da relação interespecífica entre os moradores e os tubarões e dessa nova relação entre os turistas e o animal selvagem, após o primeiro incidente registrado na Ilha de Fernando de Noronha, é importante entender as entidades heterogêneas que remontam a humanos e não humanos, conectados no que o senso comum chama de vínculo social (LATOURET, 2012). Latour afirma que tanto os humanos como os não humanos possuem agência, “quanto mais pensadores radicais insistem em atrair a atenção para os humanos nas margens e na periferia, menos citam os objetos” (LATOURET, 2012, p. 111).

A presença mais frequente dos tubarões em águas rasas é resposta a alguns fatores de desequilíbrio ambiental, mas também a fatores em interação com as ações humanas: muita gente no mar, barulho, cheiros, despertam a curiosidade dos tubarões. Por outro lado, nós humanos, como alguns turistas que visitam Pernambuco, o medo, reforçado inclusive pelos avisos de perigo e a veiculação de matérias sensacionalistas, os afastam do banho de mar:

Não tem quem faça nem colocar o pé nessas águas” (turista de Fortaleza, 30 anos, 2018). “Não tomo banho não, fico aqui nas barracas, tomando minha cerveja, meu caldinho. (moradora do Recife, 40 anos, 2018).

Para D. Maria, moradora de Noronha desde 1995, a relação dos nativos com o animal não mudou a partir do primeiro ataque registrado oficialmente em 2015, diferente do que aconteceu com os turistas:

Sempre foi normal tomar banho de mar e encontrar tubarão. Assim como tartaruga, arraia e golfinho. Pra nós num tem diferença. Quando a gente entra no mar é a casa deles né? [...] Continuo entrando no mar do mesmo jeito e o tubarão passa por mim do mesmo jeito. O que acontece é que os turistas quer tirar foto, passar a mão no bicho, aí tá errado né? Antigamente a primeira pergunta que faziam pra gente era em que praia podia encontrar tubarão, agora eles querem saber onde não tem tubarão...[risos] (Entrevista, 2018).

A fala de D. Maria é reveladora. Nos três ataques que ocorreram em Fernando de Noronha, todos foram com turistas e a maior mudança na relação com os tubarões foram exatamente deles. Na Baía do Sueste, onde já houve um ataque registrado, é normal a presença de tubarões na área rasa do mar, principalmente no fim da tarde. Por fazer parte da área de proteção ambiental, a praia fecha às 16h, mas mesmo antes desse horário é possível ver um grande número de turistas que não entram no mar por medo do animal. Porém não significa que houve uma diminuição no número de turistas que visitam a Ilha. Na verdade, esse número até cresceu. A turista Ana, que estava visitando Fernando de Noronha pela primeira vez explica:

Antes de vir procurei saber dos ataques e vi que eles foram por culpa das pessoas e não do animal. Eu tenho medo de mergulhar e encontrar um, mas gosto de ficar na areia procurando ver um [aponta pro mar]. E aqui tem muitos passeios de barco e muitos animais pra ver [...] muitas praias lindas, tenho certeza que esses ataques não influenciam os turistas a vir ou não pra cá, na verdade acho que aumenta a nossa curiosidade. (Entrevista, 2018).

Essa curiosidade se estende aos surfistas. No início do ano, entre os meses de fevereiro e abril, é possível ver nas praias do Arquipélago o fenômeno da natureza denominado "Arrufo", que ocorre a partir da concentração de sardinhas próximo ao litoral, o que faz com que os tubarões se aproximem e as cerquem para se alimentarem. Mesmo com um grande número de tubarões no mar se alimentando das sardinhas, os surfistas vão atrás das ondas, sem se importar com a presença desses animais. O surfista Luiz explica:

Com os tuba por perto a adrenalina é muito maior. Eu sei que eles não vão vir atrás de mim porque já estão matando a fome com as sardinhas. Pegar uma onda e passar ao lado deles é incrível. Não dá medo. É massa. [risos] (Entrevista, 2018).

A partir desses relatos é possível verificar a transformação na relação dos turistas com os tubarões no que diz respeito a antes e depois dos ataques e de como o animal possui agência na convivência diária com os moradores, sendo parte integrante do contexto da Ilha de Fernando de Noronha.

No caso de Recife, houve sim uma considerada diminuição do turismo nas praias, sendo retomado em outras praias distantes, entretanto, Boa Viagem concentra uma grande parte de hotéis. Hoje é comum na frente dos hotéis observar ônibus e vans levando os turistas para praias como Carneiros e Porto de Galinhas. Diferente de Fernando de Noronha, aqui os casos levaram a vítimas fatais, que provoca o afastamento dos turistas. Não se visita a cidade para ver tubarão, afinal tudo que se deseja é não ver tubarões.

Os surfistas, no início o segmento mais atingido pelos incidentes, divergem entre deixar o tubarão em seu habitat e a colocação de telas de proteção para que se possa voltar a surfar em Boa Viagem. Vale salientar que surfistas sobreviventes dos maus encontros organizaram uma Associação das Vítimas de Ataques de Tubarão, Avituba, no intuito de prestar apoio jurídico e psicológico para os sobreviventes, uma vez que ficaram desassistidos pelo estado. Para eles, o estado é responsável pela segurança do cidadão nas praias, portanto, são vítimas da negligência do mesmo.

Eu não estava fazendo nada de errado. Eu não acho que invadi o espaço do tubarão. Eu, como cidadão, tenho direito a surfar, eu não estava agredindo o meio ambiente, estava praticando meu esporte assim como muitos jovens da época. As pessoas tem direito a um banho de mar, praticar um esporte. Não tenho raiva dos tubarões sei que ele é um animal, mas acho que colocar as telas de proteção- que seja testada ecologicamente- é uma solução viável. E o governo não quer. Não quer gastar dinheiro, mesmo o custo sendo baixo...Não adianta só colocar as placas, ajuda, mas não resolve por que as pessoas não leem, não prestam atenção e os bombeiros não dão conta num dia de feriadão, domingo de sol. Segura não, o cara vai entrar...A rede evita que os tubarões se aproximem, dá segurança para pessoas" (sobrevivente de ataque, Recife, 2018).

Conclusão

Os atuais estudos sobre humanos e animais na Antropologia defendem que é necessário repensar essa distinção entre o mundo humano e o não humano, explorando de diferentes modos a participação dos animais nas relações como agentes, quer no campo das representações ou das realidades como aponta Vander Velden (2015, p. 9):

O que se sugere aqui, então, é que não é necessário escolher, nas análises antropológicas, entre tomar o animal como signo ou símbolo e como ator: eles sempre são as duas coisas ao mesmo tempo. Se os animais são bons para conviver – como perceberam os estudos humanos-animais mais recentes – eles certamente não deixaram de ser bons para pensar ou significar.

Para alguns animais são dadas mais intencionalidade e razão que para outros. Quanto mais distante do homem (humanidade), mais perto da animalidade ele vai estar, esse é o caso dos animais selvagens (INGOLD, 2007). Ao falar de tubarão, isso se torna um pouco contraditório, pois ao dizer que um tubarão é “mau” porque ocasiona essa gama de incidentes, por exemplo, estou assim lhe dando uma característica de humanidade. Por outro lado e ao mesmo tempo, o tubarão reforça a fronteira entre humanos e animais, pois não nos comparamos e nem encontramos semelhanças entre humanos e tubarões. De fato, ele está muito distante de nós por sua natureza tão distinta e as vezes indomável?

Essa análise das relações interespecíficas observadas em Recife e Região Metropolitana e em Fernando de Noronha entre o humano e o não humano (tubarão), permitiu compreender o contexto em que os significados dessas relações foram construídos. Os tubarões estão presentes, direta ou indiretamente, na vida diária dos moradores, surfistas e turistas sendo parte integrante da rede simbólica, mas não só isso, eles também possuem agências na prática desse grupo. Os tubarões não são apenas engrenagens ambientais por estarem no topo da cadeia alimentar dos oceanos. Como seres sencientes também possuem direitos morais como outros animais e outros humanos, portanto, são agentes em relações.

Assim como houve uma mudança no comportamento dos turistas a partir da eminência do risco ao entrar no mar, também houve uma mudança no comportamento dos tubarões devido a várias ações humanas em seu habitat. A resignificação dessa relação dá um novo sentido à categoria de risco perante o animal, tornando-a uma construção histórica, ecológica e culturalmente situada.

Sendo assim, a convivência entre humanos e tubarões baseia-se no vínculo social (LATOURETTE, 2012), onde há uma relação direta entre o humano e o animal a partir do encontro (ataque ou não) com consequências graves a depender do desfecho do contato e indireta no caso dos turistas, já que o animal é o motivo em determinados casos para não entrarem no mar, pararem de surfar, procurarem outras praias. Os tubarões são parte integrante e agente do dia a dia dos humanos na Ilha, participando diretamente das construções culturais de Fernando de Noronha, assim como em Recife e Região

Metropolitana e os arranjos e consequências são distintas, mas no mínimo deslocam as rígidas fronteiras entre naturezas e culturas, domésticos e selvagens.

De forma geral há nas relações aqui abordadas, guardadas as diferenças de cada contexto, afetações múltiplas. Humanos são afetados, tubarões são afetados, práticas culturais são revistas e ecologias transformadas. E é justamente por mover campos tão distintos e complexos que precisamos nos ater às relações e interações que os animais possibilitam em contatos intraespecíficos e interespecíficos.

Referências bibliográficas

- DESCOLA, P. 1998. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *MANA* v. 4, n. 1, pp. 23-45.
- DESCOLA, P. 2011. As duas naturezas de Lévi-Strauss. *Sociologia & Antropologia*, v.1, n. 2, pp. 35-51.
- DESCOLA, P.; PALSSON, G. 2001. *Naturaleza y sociedad: Perspectivas antropológicas*. México: Siglo Veintiuno.
- DOOREN, T., KIRKSEY, E., MÜNSTER, U. 2016. Multispecies studies: Cultivating arts of attentiveness. *Environmental Humanities*, n. 8, pp. 1-23.
- HARAWAY, D. J. 1991. *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York, Routledge.
- HAZIN, F. H. V.; WANDERLEY JÚNIOR, J. A. M.; DE MATTOS, S. M. G. 2017. Distribuição e abundância relativa de tubarões no litoral do estado de Pernambuco, BRASIL. *Arquivos de Ciências do Mar*, v. 33, n. 1-2, pp. 33-42.
- INGOLD, T. 1990. An anthropologist looks at biology. *Man: New Series*, v. 25, n. 2, pp. 208-229.
- INGOLD, T. 1994. *Humanidade e Animalidade*. Tradução: Vera Pereira. Companion Encyclopedia of Anthropology, Londres, Routledge.
- INGOLD, T. 2000. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.
- INGOLD, T. 2003. *A evolução da sociedade*. In: FABIAN, A. C. (Org.). *Evolução: sociedade, ciência e universo*. Bauru: Edusc, pp. 107-131.
- INGOLD, T. 2004. Beyond biology and culture: the meaning of evolution in a relational world. *Social Anthropology*, v. 12, n. 2, pp. 209-221.
- INGOLD, T. 2006. Sobre A Distinção Entre Evolução e História. *Antropolítica: revista contemporânea de antropologia e ciência política*, n. 20, pp. 17-36.

- INGOLD, T. 2007. O que é o animal. *Antropolítica: revista contemporânea de antropologia e ciência política*, n. 23, pp. 129-150.
- LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- LATOUR, Bruno. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc.
- LEACH, E.R. 1982. *Social Anthropology*. Londres, Fontana.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1982. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes.
- KIRKSEY, S. E.; HELMREICH, S. 2010. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, v. 25, n. 4, pp. 545-576.
- NASCIMENTO, G. R. 2010. No Tempo dos Loronhas se Erguia uma Ilha-Presídio no Atlântico (1504-1800). *Revista Crítica Histórica*, ano I, n. 1, pp. 126-148.
- SEGATA, J. 2012. *Nós e os outros humanos, os animais de estimação*. (Tese de doutorado). Florianópolis: PPGAS-UFSC.
- OSÓRIO, A. 2016. *Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação*. In: VANDER VELDER; BEVILAQUA, 2016. *Parentes, Vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. Curitiba: Ed. UFPR; São Carlos: EdUFScar.
- SAUTCHUCK, C. E. 2007. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília.
- SILVEIRA, F.; SILVA, M. 2015. Acerca do olhar do outro, ou sobre "tratadores" e animais em cativeiro. Por uma etnografia no "zoo" em contexto urbano (Belém-PA). *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, Vitória*, v. 3, n. 1, pp. 54-74.
- SÜSSEKIND, F. 2010. *O rastro da onça: etnografia de um projeto de conservação em fazendas de gado do Pantanal*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- STENGERS, I. 2011. *Cosmopolitics II*. Translated by Robert Bononno. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- STRATHERN, M. 2012. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naif.
- TSING, A. 2015. *Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras*. Tradução Pedro Castelo Branco Silveira. *Ilha – Revista de Antropologia*, v. 17, n. 1, 177-201.

- VANDER VELDEN, F. 2015. *Apresentação ao Dossiê. R@U*, v. 7, n . 1, pp. 7-16.
- VANDER VELDEN, F. 2012. *Inquietas Companhias: sobre os animais de criação entre os Karitana*. São Paulo: Alameda.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002a. *A Inconstância da Alma selvagem: e outros ensaios antropológicos*. São Paulo: Cosac & Naify.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002b. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 08, n. 01, pp. 113-148.